

REDE NAMI

Organização sem fins lucrativos que utiliza as artes como ferramenta para promover direitos, a Rede NAMI, fundada em 2010 pela ativista e artista Panmela Castro com outras mulheres, tem desempenhado significativo trabalho de base, contribuindo para a formação de uma nova geração de lideranças comprometidas em construir uma sociedade mais igualitária.

A missão da organização é incluir mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAPN+ e pessoas com deficiência nos espaços de decisão e poder, contribuindo para a reescrita da história e a formulação de futuro orientado por perspectiva inclusiva e decolonial. Para alcançar esse objetivo, a NAMI possui seu próprio museu a céu aberto e realiza diversos projetos, como oficinas de *graffiti*, formações em direitos humanos, doações de materiais de pintura, exposições e videoaulas, iniciativas pelas quais promove uma cultura de direitos e, sobretudo, o enfrentamento à violência doméstica.

No Brasil, de acordo com o boletim *Elas Vivem: dados que não se calam*,¹ uma mulher se torna vítima de violência doméstica a cada quatro horas. No Rio de Janeiro, em 2021 e 2022, houve aumento de 45% nos casos de violência contra a mulher. O *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*² revela que 61,1% das vítimas de feminicídio no Brasil são negras. Diante desses números preocupantes, é crucial criar projetos que informem jovens sobre seus direitos e incentivem lideranças dedicadas ao enfrentamento da violência doméstica.

O nome da organização se origina da língua do TTK ou gualín do TTK, linguagem inventada na década de 1960 no bairro carioca do Catete, onde está localizada a favela Tavares Bastos, que também abriga a sede da NAMI. Segundo a pesquisadora Livia Rodrigues Cardoso Marins,³ a criação dessa nova língua,

¹ Rede de Observatórios da Segurança. *Elas vivem: dados que não se calam*. Rio de Janeiro: CESeC, março de 2023. Disponível em: https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2023/03/Relatorio_Rede-Elas-Vivem-03_2003.pdf. Acesso em 4 out. 2023.

² Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuário-2023.pdf>. Acesso em 4 out. 2023.

³ Marins, Livia Rodrigues Cardoso. Uma análise dialetológica da “gualín do ttk” e sua influência na construção identitária do KGL. Trabalho de conclusão de graduação (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

que inverte as sílabas das palavras, foi um modo de contornar a repressão durante a ditadura, tornando-se, porém, importante elemento para a identidade territorial e resistência cultural, estando diretamente ligada ao rap, ao hip hop e, principalmente, ao xarpi, que é a inversão da palavra pixar, como NAMI é de mina, uma gíria para menina.

Reconhecida em 2023 como Ponto de Memória pelo Ibram, a Rede NAMI também foi honrada, entre outras premiações, com o Prêmio Marielle Franco, concedido pela Alerj a defensoras dos direitos humanos. A organização tem demonstrado compromisso na promoção dos direitos e na luta contra a violência doméstica, evidenciando a arte como poderosa ferramenta metodológica para gerar mudanças estruturais e futuro mais inclusivo e igualitário.

Figura 1

Participantes da Rede NAMI
no Festival WOW Rio
(foto Renata Anchieta)

Maybel Sulamita

Coordenadora de comunicação da Rede NAMI





Figura 2

Rosana Paulino, Pamella
Magno e Keyna Eleison na
exposição Sob a Potência
da Presença, da Rede NAMI
(foto Marina Alves)

Contatos

www.redenami.com; taligado@redenami.com

<https://www.instagram.com/redenami/>

Tel.: 21 99831-0939

Como citar:

Rede Nami. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 325-327, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.25>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.